



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Ressuscitemos!

«Nós somos uma família cristã. É para nós a palavra de ordem Pascha nostrum imolatus est Christus. Eu peço desculpa aos meus leitores da impertinenciazinha do latim, mas sabe-me tão bem! Gosto de dizer tal qual vem nas cartas do Apóstolo: a nossa Páscoa é Jesus crucificado. Ressurexit! Mais latim. Mais desculpas. Ressuscitou.»
PAI AMÉRICO

Sob o tema «instaurar a justiça testemunhando o Evangelho do Amor» dirigiu Paulo VI a sua mensagem para a Quaresma do ano em curso, visando uma profunda conversão a

Deus e aos Irmãos, de tal modo que, pela purificação e pela generosidade, estejamos prontos para nos arrélgarmos numa autêntica vida Pascal, uma vida segundo o espírito do Senhor ressuscitado. E esta vida conquistar-se-á pela busca decidida da Verdade, «a fim de nos prepararmos para reviver com a Igreja os Mistérios de Cristo sofredor, morto e ressuscitado por ela e por todos os homens»; pela prática efectiva do amor dos Irmãos, reavivando a caridade fraterna e social, multiplicada em boas obras; enfim, por uma participação clara no instaurar da Justiça e para que o Evangelho do Amor possa ter as suas testemunhas pelo compartilhar aquilo que possuímos com os que nos rodeiam: «o verdadeiro Po-

bre descobre sempre alguém mais pobre do que ele».

«Ressuscitou! Nós devemos viver a ressuscitar.» E todos os que procuramos vencer as nossas próprias misérias ou limitações, resistir a uma tentação, remover um vício, superar uma queda ou cumprir com os deveres, aqui e agora, ressuscitamos, se o fazemos «com a consciência acesa. É uma ressurreição com Cristo». Aprofundando ainda com palavras de Pai Américo: «O Evangelho é alto? Não. Ele é para nós. Ele está à nossa altura. Então quê? Nós é que temos medo de subir! Quantos não há por aí fora que não acreditam na Ressurreição de Jesus, porque não acreditam na deles — quantos?»

Temos, pois, que acreditar na nossa própria Ressurreição, fazendo nossa Páscoa Jesus crucificado. Ele é a garantia

Cont. na TERCEIRA pág.



Bela e monumental Ceia, do refectório da Casa do Gaiato de Lourenço Marques, da autoria do nosso Pe. Baptista — memória de valores perenes, agora destruída.

Calvário

O «Melro» tinha quatro anos, vividos anormalmente, quando veio. Não tinha pai desde que nasceu e a mãe não o podia ter com ela. Encontrava-se, pois, num lar, na capital, o qual também se recusava a recolher por mais tempo o menor. O pequeno (para claramente dizer a verdade) era uma criança indesejável. Sofre de epilepsia e, em consequência, é instável, convulsivo, irrequieto e anormal, sofrendo mesmo de forte atraso mental bem notório e visivelmente irrecuperável...

Quando o trouxe para Beire, mostrou-se logo quem era ao entrar. Aproximou-se de uma série de vasos com flores, que ornamentavam a escadaria de uma das nossas casas e partiu-os todos, terminando a façanha com o riso mais aberto e descarado. Cheguei-me a ele. Mostrei-lhe toda a dimensão da quinta. Disse-lhe que corresse por ela fora. O pequeno correu, correu até se cansar. No dia seguinte, tornou a correr e a cansar-se. Mas voltou mais manso já.

E pouco a pouco, acabou por acalmar. E não voltou a partir vaso algum.

Não dizia uma palavra. Não raciocinava. Agia por instinto. O tempo rodou. Hoje é um adolescente. Começa a ser um homem.

Ontem disse-lhe assim:

— Quem vai passar a descascar as batatas para comermos és tu!

E o «Melro» aceitou, contente, a ordem e correu para o local. Ele vai sempre a correr. Hoje tornou. E cumpre muito bem a sua nova missão. E a gente come as batatas que ele descasca na perfeição.

Que «Melro»!

Padre Baptista

Cont. na QUARTA pág.

VOZ DA JUVENTUDE

«Sou uma jovem estudante, sem fé e considerando-me honestamente uma pequena(?) burguesa.

Leio regularmente o vosso jornal tal como muitos que me vêm parar às mãos.

Digo-me revolucionária.

E então? Onde está a minha revolução? Não sei, ou melhor, sei-o! Não o sou! Como pode uma revolucionária gastar dinheiro em coisas tão supérfluas, o que em nada ajuda a vida dum País como o nosso?

Sou igual à grande maioria. Grito vermelho e faço negro. No entanto, sem gostar de jornais e revistas «beatas» concordo com o vosso chamado por tantos «o jornal dos pedinças e beatos».

Pedinças porquê? Por pedir o que é vosso? Sim, porque enquanto eu tenho 16\$50 para o maço de tabaco consumido regularmente, quantos o não têm para o seu sustento? Vejo que este e outro dinheiro

gasto por mim em bugigangas não me pertence mas sim aos outros, aqueles que não têm sequer dinheiro para se alimentarem convenientemente; no entanto continuo a gastá-lo, a roubá-lo ao Próximo.

Não vos venho dizer que me procurarei modificar e que o vosso exemplo me foi benéfico. Não! Apenas me quero «confessar» e dizer que vos admiro pelo que fazem.

Se acreditasse no comunismo seria comunista lutando para que toda a gente tivesse acesso às coisas supérfluas e não para que a gente tivesse só o dinheiro para comer.

Acho, no entanto, que o comunismo não existe senão nos livros de Marx, Engels e companhia. E por isso assim continuo eu! Não encontrando caminho bom a seguir, continuo a trilhar o mau sem lhe tentar alisar as arestas.

Não vos venho louvar a vós cristãos, mas sim a vós homens,

pois sendo frutos de uma sociedade putrefacta conseguistes enveredar por um caminho justo e recto.

Vejo tantas vezes crianças mal trajadas, com fome e entregues a toda a espécie de vícios que sinto um nó na garganta.

Eu e tantos outros como eu somos os culpados disto, pois a nossa fraqueza traz miséria.

E pronto! É tudo. Daqui a 10 minutos terei esquecido tudo para só me voltar a lembrar mais tarde e por tão pouco tempo!... É assim tão bom ser feliz à margem da miséria???

É um grito de alma irresistível. Irresistível para quem o assina: «Apenas me quero «confessar» e dizer que vos admiro pelo que fazem». Irresistível para nós não esclarecer, não desmitificar.

Primeiro não acredito que esta jovem inquieta não tenha Fé. Talvez não tenha ainda lo-

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM HOMEM BOM — Ele é muito idoso. Sofreu as passas do Algarve! Agora, já não tanto. Mau grado a injustiça social que sofrem ainda muitos da sua igualha, vive com a mulher uma pobreza digna: alimento, três vezes ao dia; roupa suficiente; subsídio-reforma da Casa do Povo, complementada com a nossa partilha de mil escudos mensais; e sob o tecto de uma formosa moradia que nasceu no peito de Pai Américo. Tem, porém, um mal incurável; estacionário, graças à Medicina e à pronta intervenção do recoveiro dos Pobres.

— Se não fosse a Conferência já estava a fazer tarrões há muito tempo!

É uma delícia ouvi-lo, com a necessária atenção e humildade. Antes da meta, um preâmbulo recortando imagens de uma longa vida.

— Olhe pró meu sobretudo!

Não é presunção, mas um oportuno testemunho dos Direitos do Homem: ter agasalho.

— Faz tanto jeito! Tão quentinho!!

O dia é frio e chuvoso... Por esse mundo fora, quantos diriam o mesmo se tivessem quê!?

— Como vai a ferida?

— Vai melhor, c'o tratamento. Se não fosse a Conferência já estava a fazer tarrões...

Suspira d'alma cheia. Olha o céu plúmbeo, em diálogo com o nosso Deus. É um homem de fé. E repete com ímpeto, cadenciado: — Estava, sim senhor. Bendito seja Deus!

Desfia, então, um rosário que daria temas sem fim, até como apóstolo da não-violência! Sim; no meio da neurose política que por aí vai, em que a agressão ou intolerância são moeda corrente, quem estivesse disposto a ouvir este homem de mãos limpas, teria muito que aprender!

— Respeitei sempre os meus, a minha casa e a dos outros; toda a gente. Ora, pró que deu à minha vizinha: prantaj a lenha no caminho! Eu ralhei mansinho. Disse que nos faz mal. Nunca levantei a mão pra ninguém. É preciso compreender o destino das pessoas, pra nos entendermos...

Destino, aqui e agora, são as atitudes, o temperamento, o comportamento, o íntimo dos homens. Psicólogo!

— Não lhe digo mais nada. Sofro de cara levantada. Conheço o destino daquela gente. Q'ando puder, venha até lá...

— Apareço, logo que possa.

— Ela é aquilo q'a gente sabe. Ele, vinho e cachaça. Eu aganto (aguento). Conheço o destino deles...

A virtude e a fraqueza!

PARTILHA — Para acudir a todas as aflições e encargos dos Pobres, aí vai a partilha dos nossos Leitores. É uma procissão discreta, anónima, por isso mesmo rica de significado espiritual.

Abre a assinante 22423, de Perafita, com 50\$00. Da rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, 200\$00 «para ajuda

da mercearia», pedindo orações «por alma de meu Pai e pelas melhoras de minha Mãe». A riqueza dos laços familiares! Sublinhamos, com muito gosto, o destino desta importância. Porquê? Só em mercearia dispêndemos, mensalmente, pelos Pobres, mais de 4.000\$00. Meses há que ultrapassamos os cinco e seis mil escudos!

Do Porto, 200\$00 pela mão da assinante 31715, «para um auto-construtor». Mais uma actividade onde, só o ano passado, à conta dos nossos prezados Leitores, dispêndemos cinquenta e três mil e vinte e três escudos pela Auto-Construção!

Uma carta, muito amiga, de Silveiras, capeia «1.000\$00 para os Pobres»; finalizando assim: «Para eu ficar descansada, porque o vale se não extraviou, basta qualquer referência (sem nome) nas «Notícias da Conferência». Aqui está!

Uma presença espiritual, de Belazaima do Chão:

«No aniversário de minha filha e de meu marido, aqui vai uma pequena migalha de acção de graças ao Senhor pela saúde e vida que nos tem dado. É para a vossa Conferência. Escusado será dizer que não quero que publiquem o meu nome. Com toda a amizade...»

Agora, num retalho de papel, «mil escudos para a Conferência Vicentina». Não se sabe de onde, nem de quem. Disoregão e sobriedade!

Outra carta, de velha Amiga:

«(...) Só no dia 11, quinta-feira, se concretizou o estafado subsídio da Casa do Povo a que tinha direito por lei. Passei dois anos de tortura! Eu até já nem acreditava que viesse a ter fim este estafado calvário!...

Tantas vezes me obrigaram a arrastar-me lá para me «gozarem», pois que, apesar de ir de carro para a vila e para casa, só os metros de caminho até à sede! As pernas e os pés em dores cruciantes me impossibilitam de caminhar e praticamente de rastos!...

Como prometi..., se viesse a receber o subsídio a que tenho direito... Infelizmente era bom não precisarmos de bater a portas nenhuma. Só hoje me é possível fazer o gosto ao meu coração!

Desejaria que fosse o triplo; mas eu já estava muito atrasada por outras vias que pus em dia já...»

Lá e cá, más fadas há!

Mais uma presença cristã:

«No aniversário do falecimento dum ente querido e ocorrido em 19 do corrente, envio a pequena oferta que junto em sufrágio da sua alma, para ajudar a Conferência de Paço de Sousa, um dos muitos meios rurais tão carecidos. São só 50\$00; uma migalhinha a juntar a outras e duma velhinha de 82 anos.»

Que alma jovem!

Um casal do Porto, que nos visitou numa quarta-feira à tarde, entregou 500\$00. Coimbra, 100\$00 «para ajuda de alguma necessidade mais urgente. Peço desculpa da insignificância». Mais 600\$00 «com a fraternidade que nos une», de «Uma Assinante do Seixal». Abençoada perseverança!

Outra presença espiritual, digna de nota:

«(...) Junto um cheque de 200\$00 para aplicarem da maneira que melhor entendam.

Neste mês de Março, que me lembra o aniversário natalício de meu Pai, ousou pedir uma oração a Deus por sua alma.»

E trazia uma advertência: «É favor adoptar sempre o anonimato». Cumprimos.

Mais 50\$00 de bom Amigo que nos visitou. E, por fim, de S. Pedro do Sul, 100\$00 em cumprimento de uma promessa.

Muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PÁSCOA — Nada vos quero dizer sobre a Páscoa, pois vós, talvez por serdes mais experientes na vida, sabeis melhor do que eu. Apenas queria que os homens se lembrassem deste dia glorioso e se amassem uns aos outros, sem ódios nem guerras, mas que todos fossem bons e felizes.

Se assim acontecesse a Páscoa teria um grande valor.

REGRESSO — Regressou há dias, de Moçambique, mai-lo nosso Pe. José Maria, o Quim carpinteiro com a mulher e os filhos. Foram habitar a casa da mata.

A casa da mata é um dos lindos recantos da nossa Aldeia. Sol de manhã à tarde, silêncio absoluto, frescura apetitosa, etc., coisas que convidam a gostar de morar lá.

DESPORTO — Temos jogado mal, ou andamos com pouca sorte.

No passado Domingo, 29 de Março, tivemos dois jogos, um de manhã e outro de tarde.

De manhã perdemos com um grupo de Paredes por 6-2. A nossa equipa era das reservas.

De tarde perdemos também com um clube de Guimarães por 2-1. Foi a equipa principal.

Que se passa connosco?!

Ou foi porque o Benfica também perdeu ou então não soubemos igualar a tática de jogo dos minhotos.

Vamos animar?

«Marcelino»

Lar de Lisboa

VENDA DO JORNAL — Há já bastante tempo que a intenção de falar-vos da venda de «O GAIATO» em Lisboa me ocupa o espírito.

Recentemente, ao completar-se mais um aniversário da sua existência, vi surgir a grande oportunidade de o fazer.

Com efeito, desde a sua primeira publicação em 5/3/1944 que «O GAIATO» é vendido em Lisboa. Começou esta actividade a ser feita pela Casa do Ardina já que nessa altura ainda não existia a actual Casa do Gaiato de Lisboa, no Tojal.

Quinzenário desde o princípio, muito

depressa contou com a simpatia e amizade de muitos leitores bem como com a adesão de vários assinantes. Resistindo às incompreensões dos homens e às mutações sociais tem procurado através dos tempos ser divulgador e porta-voz da Obra da Rua junto de todas as camadas da população.

Várias vezes, pela profundidade com que se revelam os problemas, acusa-se directamente a sociedade da sua gravidade e consequente demissão das responsabilidades. Coisas que pela sua veracidade nem sempre foram ouvidas com agrado, quando não caladas, eliminando a sua qualidade de «revolucionário... pacífico».

Por outro lado serve de reconfortante espiritual à numerosa família de amigos da Obra.

Agora, ao entrar no 33.º ano de existência constata-se que nunca como hoje, e por campanhas de assinaturas, o jornal foi tanto obra de todos. Cada um preocupa-se com a situação dos seus Irmãos e do próprio jornal. A família cresce e alicerça-se nos ideais que foram de Pai Américo e continuam a ser de todos os seus continuadores.

Admito perfeitamente que tu, amigo leitor, seguidor assíduo de «O GAIATO» desde o seu início, conheças tudo isto. Porém, o mesmo não se passa com aquelas pessoas que raramente compram o jornal ou as que o fazem como quem pratica uma caridadezinha. Fazem-no só porque vêem o vendedor a apregoá-lo à porta da igreja, porque são abordadas por este no local onde trabalham, na via por onde circulam ou no transporte em que se deslocam e tomam-no por mais um pedinte pertinaz. E se necessário for soltam uma frase de comçoção fingida para consolação do «coitadinho» presente.

A avaliar em números a quantidade de jornais que a Casa do Tojal despacha e comparando-os com as quantidades vendidas pelas outras Casas, noutros meios, fazemos uma venda bastante fraca. Isto porque no mar de gente que inunda a Capital apenas conseguimos vender 4.000 jornais.

A juntar a este número temos 200 que o Fernando, viajando gratuitamente através da camionagem Cândido Belo, consegue vender em Santarém, cidade onde a Obra tem imensos amigos e o nosso vendedor é alvo de óptimo acolhimento.

Há ainda a venda que o Manuel faz em Loures onde ficam apenas 60 jornais. Lamentamos a perda das Caldas da Rainha onde o «Felgueiras» vendia 120 jornais. Perda essa que se deve ao facto de os Claras terem acabado com a oferta das passagens!

Mas muitos mais se poderiam vender, se não fossem as circunstâncias em que os vendedores têm de actuar... Rodeados de vendilhões de quinze-lharias, de jornais desnecessários ou de publicações de literatura deformativa do espírito. Outras vezes vítimas de intimidações morais ou ainda da passividade natural da idade ou das distrações a que o ambiente citadino é convidativo.

Mais recentemente viram-se obrigados a suportar uma concorrência movida por várias facções políticas

que em conjunto à porta das igrejas vendem publicações ou, simplesmente, pedem para o partido.

Finalmente apelo para os leitores habituais no sentido de que divulguem «O GAIATO» entre os vossos amigos e conhecidos. Isto para que à grandiosa família dos leitores e assinantes se junté uma nova vaga.

Ao terminar permiti que vos recorde de uma passagem de Pai Américo: «Assinar «O GAIATO» é responder a milhares de crianças que chamam por ti. É acender o lume nas lareiras, diminuir a vadiagem, fortalecer a raça, combater perigos, evitar guerras — AMAR».

Jorge Cruz

IMBARRA DO CORVO

LAVOURA — Falava-se de poda... — Eh pá! e já viste as oliveiras ao fundo da quinta?

— Não me digas que já têm azeitona?

— Não é a brincar. Hás-de ver, levar cá uma carecada!...

Ainda não tinha visto, não. Gostei de ver. Fez-me lembrar não sei quem que há dias, depois de ir ao barbeiro, ficou quase vinte anos mais novo!

As velhas árvores assim podadas pareciam outras. Não tinham mais aquele aspecto húmido e sombrio, fuliginoso de musgos e líquens. Agora, umas escondem sua nudez por detrás das poucas pernadas que lhes conservaram; outras, airozas, parecem agradecer o terem-lhes tirado tão grande carga de cima.

— Isto é que foi uma poda, hein Elísio!?

— Olha pr'áquela, pá! Estava toda esgaivada; vê como ficou agora. E as do «Poço Novo»? Olha pr'áquilo, todas certinhas...

— É a azeitona para este ano?

— As do Olival dos Poços e da Mina, talvez ainda dêem alguma.

Na vinha, as batatas, a medo e como quem espreita, põem o olho cá fora.

— Está frio, heim!?

— Hum se está! É uma goadinha pra queimar as batatas...

E a medo, como quem mede a temperatura, elas espreitam e vão saindo da terra.

PISCINA — A construção da nova piscina vai progredindo. Já vi o Tó Zé e o «Bolinha» uma série de vezes passar carregando às costas madeira e cimento. Bom, vou até lá ver como já vão os trabalhos. O fundo fez-se na quarta-feira, desde manhã à noite, todo de uma assentada. Andam agora a fazer o tapado para as paredes. É só cimento e ferro.

— Se um dia alguém quiser destruir isto, terá que ser a tiro de canhão!

— És parvo; isso arrebetava tudo que estivesse a menos de duzentos metros e...

Bem, é o Mendes que dá logo uma lição de armas, munições, etc. Veio há dias da tropa.

«Lita»

HABITAÇÃO — problema primeiro

Uma base de trabalho sobre qualquer problema social que falta, geralmente, por culpa não sei de quem — pois digamos: certamente de todos nós — é o levantamento das carências e a sua ordenação segundo uma escala de valores que determinará as prioridades.

A nível regional, a nível municipal, este levantamento é quase sempre uma inexistência, de modo que se falta o dinheiro para fazer muitas coisas em que se pensou, faltam os planos para muitas outras que se poderiam ir fazendo.

Sei que o Fundo do Desemprego (ignoro se mudou de nome) dispõe de verbas apreciáveis para melhoramentos rurais no ano presente; que mensalmente se reúnem nos distritos, Inspectores Gerais das Obras Públicas com Presidentes das Câmaras e outros Técnicos para se reconhecerem as maiores urgências a nível concelhio e se procurarem as respectivas soluções; e que falta muita gente que ali devia comparecer, não porque não tenha problemas, mas porque não os sabe ou não está para a machada de dinamizar localmente as forças que pegariam na mão que de Lisboa lhe estendem. É que do Fundo não vem — e muito certo! — a solução total, mas um estímulo capaz de levar os mais interessados a um esforço de eficácia.

Meu Deus! para a construção de um socialismo verdadeiro quanto não há que fazer

primeiro pela educação cívica das nossas boas gentes e dos seus, tão frequentemente medíocres, gestores! Parece incrível, mas há-de ter o seu fundamento na experiência, o receio manifestado por alguém responsável neste sector de que a verba disponível não tenha pretensões suficientes para a esgotar. Parece incrível, mas eu ouvi-o!

Vem isto a propósito de uma reportagem n.º 2 sobre Alijó publicada no «Comércio do Ponto». «Projecto ambicioso mas parcos recursos», constava do título. Pois eu discordo da qualificação de ambicioso para o projecto e penso que se ele está bem estudado e não demorar muito a sua realização, os 40 mil contos previstos para o custo também não são de assustar ninguém.

Pois não se fala hoje por aí de milhões de contos, com tamanha frequência, a propósito de tanta coisa a fazer?... Pois não custará um milhão a reconstrução da Embaixada de Espanha, que um atrevimento ainda impune irá custar ao Povo Português?... Então o que são 40 mil contos para resolver humanamente o problema-primeiro que é o da habitação de 200 Famílias inconvenientemente alojadas, para as quais se julga necessário construir 150 novas moradias e restaurar mais 50? Isto em favor de 19 freguesias agrupando mais de 20 mil pessoas de um concelho transmontano, esquecido até agora como tantos outros!

Achei graça ao comentário que o nosso Júlio escreveu à margem, a propósito do «projecto ambicioso»: «Uma agulha no palheiro». Pois é mesmo! Se Alijó estudou honestamente as suas carências habitacionais e seu Município se propõe dinamizar as suas populações e levar o projecto avante, é impossível que Lisboa não responda com a ajuda suficiente para que a obra se faça. Esta é que será mesmo uma resposta à boa maneira transmontana às dinâmizações que lhes quiseram impingir e foram rejeitadas como «corpo estranho», de segundas intenções a que tresandavam!

Ora, a julgar pelo que o articulista do «Comércio» informou da conversa havida com o engenheiro responsável pelo plano, este está honestamente estudado: «Com o presente plano, pretende-se incrementar a construção civil, criando novos postos de trabalho e tentar solucionar o problema da habitação nas zonas rurais, como é o presente caso.

Em resultado do «levantamento regional» — que deixou a nu todos os aspectos positivos e negativos do concelho, aconselhando prioridades de trabalhos — conclui a Comissão Administrativa que existem, no capítulo das disponibilidades de terrenos, áreas pertencentes às Juntas de freguesia e cedidas para prosse-

cução do Plano; terrenos oferecidos por particulares; e aqueles outros ditados e assentes no âmbito das expropriações, que implicam uma despesa de cerca de 2.200 contos.

(...) Estamos informados que foi detectado grande número de famílias com economias e, em muitos casos, excedendo os 100 contos, destinados à construção da sua casa. E, para o caso das infra-estruturas, conta a Câmara Municipal com a participação dos vários interessados na sua execução.»

Mas há ainda outros recursos locais e critérios de simplificação muito importantes.

«A Câmara dispõe de planas tipo que fornecerá, gratuitamente, quando as condições dos interessados assim o justificarem. (...) o que não acontecia até aqui; os processos

eram enviados para as Juntas Distritais em que os responsáveis levantavam uma série de problemas, ignorando, até, que se tratava de uma zona nitidamente rural...»

Aqui está a ultrapassagem de um viciozinho nacional muito frequente: exigir-se o óptimo (às vezes até deslocado e quase sempre utópico) impedido do bom realizável.

Por isso mesmo o já referido engenheiro acrescenta: «Com esta posição temos como resultados práticos um significativo índice de construção civil (construiu-se mais neste último ano do que nos seis anos anteriores), ao contrário do que se verificou (e verifica) na maioria das cidades portuguesas...»

Pois não podemos confirmar esta verificação, mas podemos sim testemunhar que no con-

celho de Alijó a iniciativa privada dos Pobres tem alguma expressão pelos 15 telhados que pelos «Pequenos Auxílios» para lá foram desde Janeiro de 1975 até agora, do fundo do Património dos Pobres.

Passando por Alijó com este artigo na mão, não me tive que não fosse à Câmara saber se era mesmo assim, ou se haveria um pouco de poesia no relato. Não me pareceu sentir a fé que queria e será indispensável à consumação do plano.

Até pelos laços afectivos que à vila me prendem, bem gostaria que Alijó deitasse decidida mão à obra — Município e municipais — e pudesse mostrar por aquilo que tivesse feito o tanto ou mais que muitas outras Câmaras podem e devem fazer.

Padre Carlos

LOURENÇO MARQUES

Escrever ainda sobre a nossa vida em Moçambique torna-se hoje um sacrifício. Tudo o que ali vivemos devia ser sepultado no esquecimento, tal a necessidade de criar confiança em nós e nos outros. As dificuldades surgidas também proporcionaram em nós força de ânimo para continuar. Mesmo nas horas de perigo havia serenidade na busca do enquadramento no processo revolucionário.

Mas nem todos os atropelos aos Direitos do Homem podem ser depreciados no custo global de uma independência revolucionária. Há objectivos atingidos por um inegável cunho individualista.

Após o 25 de Abril, os jornais começaram a publicar «textos de apoio» da Frente de Libertação. Um deles atacava frontalmente as Missões, incriminando-as de exploradoras do Povo, enquanto nas suas escolas ensinavam a doutrina da Igreja «reacionária» de Roma e obrigavam os alunos a trabalhar nas «machambas», a limpar bananeiras, colher amendoim e outros trabalhos, em vez de os promover.

Por essa altura encontrei-me com o missionário da nossa zona. Ele estava indignado. Sentia-se directamente atingido por ter sido seu aluno, na 4.ª classe, o autor do texto. Nunca na Missão dele, para além da instrução primária e uma consequente formação religiosa, mandou os alunos trabalhar no campo. Ele mesmo, quer na construção das igrejas e das escolas-capelas, quer no campo, foi o primeiro no trabalho. Misturou o seu suor, carregando massa e blocos, com o dos operários; andou horas

seguidas ao sol africano a lavar, para tirar da terra ajuda para as necessárias despesas das suas Missões. Estava tão crestado do sol que facilmente se tomaria por um indiano se não fosse atraído pela fala madeirense. Se em alguma coisa pecou, foi como tantos outros, numa ânsia desmedida de estender o ensino às zonas mais afastadas, vendo-se depois a braços com dificuldades económicas para o dotar de professores idóneos, ao menos moralmente, pois a maioria só tinha a 4.ª classe feita na sede da Missão. Um padre chorou diante de mim, indignado porque só podia pagar 250\$00 por mês a cada professor. Esta era a situação criada, quase por todo o Moçambique com as tais «verbas astronómicas» que o Governo oferecia à Igreja Católica, nesta tarefa, indiscutivelmente, pobre e serva de Portugal. Nestas circunstâncias outros se viam na contingência, sim, de que os alunos ajudassem o seu professor nos trabalhos agrícolas. E que mal ia nisso, se é agora palavra de ordem a «machamba da Escola» e se uma canção revolucionária diz: «a honra do Povo é a enxada»? Mas, Pe. Romano não. E escreveu ao jornal a rebater a acusação. A sua carta não foi publicada, mas a resposta veio. A nove de Setembro pilharam a residência, revistaram-no; fizeram pouco dele; foram à Igreja e partiram as imagens, o crucifixo e a mesa do altar. Ele continuou a vir diariamente à Missão. A 21 de Outubro estava ali. Não podendo entrar na cidade procurou a casa de uma sobrinha. Ausente, bateu à porta de um vizinho, madeirense como ele,

que o aconselhou a não demorar ali, pois andara um grupo, tempos antes, a rondar a casa e não lhe ofereceria abrigo com medo. Padre Romano não tinha para onde ir. Escondeu-se nas coelheiras do quintal. A noite volta o grupo. Batem à porta e ninguém responde. Vão ao vizinho e perguntam. Mandam-no fechar-se em casa e não sair à porta sob pena de represálias. Arrombam a casa da sobrinha à machadada. O cão no quintal ladra. Soltam-no e este vai direito ao esconderijo do Padre Romano. Vendo-se descoberto tenta a fuga. É apanhado e amarrado. Desferem-lhe catanadas nos ombros e pescoço e pancadas na cabeça perfurando-lhe o occipital. Esmagaram-lhe os órgãos sexuais.

Uma enfermeira, de serviço no Hospital, estremeceu e tapou a cara com as mãos ao narrar-me o estado em que o viu no amontoado de cadáveres que ali chegou.

De mais coisas tomei conhecimento, pela boca do próprio, nos oito longos anos de trabalho que vivemos lado a lado e também eu tremo ao pensar no que sei e nunca me atreverei a lançar ao papel.

A primeira vítima da libertação de Moçambique foi um Padre em Cabo Delgado. O Padre Romano não foi a última, mas há motivos de sobejo para a Igreja em Moçambique viver em esperança, já que como disse recentemente um dos seus Bispos, «para chegar ao Domingo da Ressurreição deve passar pelos sofrimentos de Sexta-feira Santa». E não são tão pequenos!

Padre José Maria

Ressuscitemos!

Cont. da PRIMEIRA pág.

da nossa Ressurreição. Apenas se nos pede um «coração contrito», a verdadeira penitência e o sacrifício que agradam a Deus, que nos conduzirá a «romper as cadeias da injustiça, desatar os laços da opressão, libertar os oprimidos, quebrar o jugo do opressor, repartir o alimento com quem tem fome, dar guarida aos Pobres sem abrigo, vestir os andrajosos e não abandonar o semelhante». (Isaías 58/6-7). E não esquecer que «o verdadeiro Pobre descobre sempre alguém mais pobre do que ele». Procedendo assim, por mais indigentes que sejamos, na vida pública ou social, no campo individual ou familiar, ao serviço do bem-comum, seremos arautos da Ressurreição do Senhor, quer dizer da Ressurreição da nossa própria humanidade, resgatada pelo Sacrifício Redentor de Cristo do cativo do pecado e da morte. Alegrem-nos: O Senhor ressuscitou! Ele é o penhor duma «autêntica vida Pascab» e o único e verdadeiro caminho para o estabelecimento duma sociedade mais justa e fraterna. Ressuscitemos!

VOZ DA JUVENTUDE

grado encontrar o *objecto* que lhe restituia a consciência de que a possui. A vida, a pequenez dos homens, a nossa necessidade entitativa de grandeza, a ajudarão a encontrar a pista.

Nota característica: a sinceridade da Juventude de hoje — e neste caso nem «brutal» como ouvi há dias de um professor empenhado na busca da *escola nova*. «Digo-me revolucionária. E então? Onde está a minha revolução?» E igualmente gesto de denúncia: «Sou igual à grande maioria. Grito vermelho e faço negro.»

Confidencia em escrúpulo um anseio de justiça e uma preocupação que abrange as fronteiras do País (e por que não do mundo?!): «Como pode uma revolucionária gastar dinheiro em coisas tão supérfluas o que com nada ajuda a vida de um País como o nosso?»

Mas não deseja «honestamente» uma igualdade ao nível do pé descalço. «Se acreditasse no comunismo seria comunista lutando para que toda a gente tivesse acesso às coisas supérfluas...» É verdade: «Nem só de pão vive o homem!» Mas não

deixa de tocar a nota da renúncia necessária a um racional nivelamento social: «Vejo que este e outro dinheiro gasto em bugangas não me pertence, mas sim aos outros, àqueles que não têm sequer dinheiro para se alimentarem convenientemente; no entanto continuo a gastá-lo, a roubá-lo ao Próximo.»

Com o que afirma igualmente a impropriedade do rótulo de «pedrinha» a quem reclama aquilo a que tem direito; e define que os bens que detemos nunca são nossos quando a sua utilização é leviana e inconveniente ao bem-comum.

Até aqui, pois, desabafos que revelam uma intuição de conceitos de justiça e fraternidade que o Evangelho dá a beber abundantemente a quem nEle procura dessedentar-se.

Chegamos agora ao ponto central que queremos desmitificar:

«Não vos venho louvar a vós cristãos, mas sim a vós homens, pois sendo frutos de uma sociedade putrefacta, conseguistes

enveredar por um caminho justo e recto.»

Pois saiba, minha Amiga, que a «vacina» que nos preservará da «putrefacção», é justamente a nossa Fé cristã, a certeza experimentada de que nenhum homem é capaz de amar o Homem, sem esta força sobrenatural, que nos vem de ter Cristo conosco e nos dá a luz de O descobriremos nos outros e a resolução consequente de lhes consagrarmos a vida. Só por Ele, com Ele, nEle «conseguimos enveredar por um caminho justo e recto» (e oxalá sempre assim fosse com constância e perfeição!).

Saiba, mais, que é pela Fé que nem sequer partilhámos a 100% da sua visão pessimista de «nossa sociedade putrefacta» em que há ainda valores estupendos por explorar, para o que falta apenas aquele *pontapé de saída* que só a Fé pode dar e levará tantos inquietos, como é a Isabel, «a procurar modificar», sem deixar estereis todos os «exemplos benéficos» que uns

aos outros nos proporcionamos, nem deixar morrer em 10 minutos o sentimento de que «tantos outros como eu somos culpados disto pois a nossa fraqueza traz miséria»... «para só me lembrar mais tarde e por tão pouco tempo!»

À sua interrogação final, marcada triplamente, respondo com uma negativa triplamente exclamada: Não!!! Não é possível ser feliz à margem da miséria. E não falo apenas da miséria do pão e do vestuário e da habitação. Estes são apenas pontos prioritários. Porque, depois, numa alma humana imensamente

rica, haverá sempre cópia de misérias a reclamar a atenção do homem ao seu Próximo — o que não exigirá já renúncias ao maço de tabaco, mas a nós mesmos, às misérias do nosso coração, sempre contagiantes e contagiáveis e que urge cura para evitarmos a epidemia, a putrefacção.

Sinceramente, acha o homem, por si mesmo, capaz de realizar um tal programa, de sustentar uma tão santa ambição?

Ou não será algo que transcendea e transfigure a nossa fraqueza culpada — a Fé e o esforço permanente de coerência com ela — a base para o saneamento necessário da nossa sociedade putrefacta e a sua defesa do risco sempre iminente de putrefacção?

Padre Carlos

«Dêem-nos uma casa mesmo velha!...»

Acompanhámos o nosso Padre Luiz numa viagem ao Alto Minho, por mor do Património dos Pobres, onde fomos chamados por um reformado da função pública, vicentino de alma jovem e apurado sentido dos Outros.

Na passagem por Braga, a «Peugeot» fura no centro da cidade. Descemos a avenida cautelosamente. Enfiámos numa transversal de pouco trânsito e luz suficiente. Armámos estaleiro. Mudámos o pneu. E, com o trabalho já no fim, somos abordados por um grupo de quatro adoráveis Crianças.

— Dê-me cinco tostões pra comprar pão — roga o mais limpo.

— Dinheiro, não. Onde podemos comprar o pão?

— Ali, ali. É pertinho.

— Vamos já lá. Espera um pouco. Onde é que vocês moram?

— Ó pé do campo.

— Num barraca?

— Se nos dessem uma casa, mesmo velha...!

Enquanto o Padre Luiz arruma o resto do estaleiro, e para não demorarmos, que era noite alta, fomos em procura de pão. Um minuto delicioso, do carro ao café!

— Onde é que vocês são? Pra onde vão? — pergunta um.

Outro: — Eu quero mas é pão com bacalhau.

E mais e mais — diria Pai Américo.

Já tinham ouvido falar da Obra da Rua. Ficámos amigos.

O pobre café não tinha pão nem bacalhau! «Tudo esgotado.» Implora o mais velho: «Ó senhor, veja lá, ó menos broa!» Nem broa!

A clientela pára a conversa.

Olha de espanto, enquanto o homem do balcão indaga, pressuroso, o stock de víveres. «Só bolachas.» Intervém o mais pequeno: «E queijo!» O do bacalhau aceita, com alegria mesclada de tristeza. Confortámos. Estavam servidos. Pegámos no porta-moedas e foi um brado geral: «Você ainda não tem a sua parte! Ó senhor, ele (nós) ainda não tem bolachas nem queijo!» Sufocámos com o apurado sentido de justiça destas Crianças da rua! O homem do balcão, também. Esclarecemos já ter jantado. Aceitam, forçados: «Pronto, pronto!»

Entretanto, somos interpelados novamente:

— Qual é o seu Partido?

— É o Partido dos Pobres. Euforia!

— É dos nossos!

A freguesia, confundida, como nós aliás, mergulha em profundo silêncio. Saímos, com entrámos, de mãos dadas.

— Ó moços, pra onde ides agora?

— Pró campo...

O mais velhito insiste:

— Veja lá; dêem-nos uma casa, mesmo velha!...

Despedimo-nos. Queríamos estar com eles mais tempo! Ir às barracas. Motivar os homens de boa vontade no relançamento do Património dos Pobres. Denunciar a terrível acusação daquelas adoráveis Crianças: «Dêem-nos uma casa, mesmo velha!...» Denunciar os responsáveis, os políticos de todos os quadrantes, para que sujem as mãos na barraca e as limpem na tribuna. Que digam menos e façam mais. Não há outro programa!

Júlio Mendes

FESTAS



As Festas começam por ser em nossas Casas. Não há horas livres em silêncio. São os tocadores; são os festeiros-moços; são os ensaios. É o telefone com recados e é o correio com notícias. Há vida. Falta pouca para começarem.

Uma nota cheia de simpatia (como todos os anos) tem sido a resposta carinhosa e entusiástica dos donos das casas e das pessoas generosamente encarregadas das Festas em cada terra. Que braços tão abertos temos encontrado!

Para já podemos anunciar as seguintes Festas:

- 29 de Abril — Teatro Avenida — Coimbra
- 1 » Maio — Salão dos Bombeiros — Miranda do Corvo
- 3 » » — Cine-Teatro — Tomar
- 6 » » — Coliseu — Porto
- 7 » » — Teatro Aveirense — Aveiro
- 10 » » — Teatro-Cine — Covilhã
- 11 » » — Cinema Gardunha — Fundão
- 12 » » — Cine-Teatro Avenida — Castelo Branco
- 30 » » — Monumental — Lisboa

Padre Horácio



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa